

PREVISÕES ENTRE OS ADVENTISTAS AO LONGO DOS TEMPOS: O CONTEXTO DE MARCAÇÃO DE DATAS PARA VOLTA DE JESUS

  Érico Tadeu Xavier^{1,*}

RESUMO

As previsões em torno da segunda volta de Jesus no contexto adventista ocorreram desde o início do movimento millerita. Neste trabalho são apresentadas as marcações de datas e o contexto em que estas ocorreram entre os primeiros adventistas e os adventistas do sétimo dia atuais. Na perspectiva de compreender esse contexto, este artigo se propõe a apresentar um pouco da história adventista a respeito da marcação de datas para o retorno de Cristo tendo em vista demonstrar o posicionamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre essas marcações. Utiliza-se o método histórico-bibliográfico para atender ao objetivo proposto. Analisando o contexto histórico do movimento millerita observa-se que a marcação de datas para o retorno de Cristo, inicialmente, derivou dos estudos das profecias dos tempos escrita por Daniel e afirmada em Apocalipse, que gira em torno do cumprimento dos 2.300 dias previstos para a purificação do Santuário. E se conclui que alguns adventistas, desde o início e ainda hoje continuam a fazer previsões sobre a volta de Cristo e o fim dos tempos independentemente do posicionamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia como instituição.

Palavras-chave: Teologia. Religião. História. Adventistas do Sétimo Dia.

¹ Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Doutorado em Ciências da Religião - Atlantic International Universit. Doutorado (PhD) em Philosophy in Theology - South African Theological Seminary, reconhecido pela PUC,RJ. Mestrado em Ciências da Religião - Universidad Evangelica de las Americas, Costa Rica, reconhecido pela EST, São Leopoldo, RS. Docente na da Faculdade Adventista Paranaense (FAP).

***Autor correspondente:**
etxacademico@gmail.com

Submissão: 04/2021
Aceite: 12/2021

Como citar

XAVIER, E. T. Previsões entre os adventistas ao longo dos tempos: o contexto de marcação de datas para volta de Jesus. *Práxis Teológica*, v. 17, n. 1, p. e1569, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2021v17n1.e1569>.



INTRODUÇÃO

A marcação de datas para a volta de Jesus Cristo tem se mostrado comum entre os cristãos das diversas igrejas que adotam o Cristianismo como fonte doutrinária. A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), ao longo de sua existência, também apresenta, em seu histórico, pessoas que fizeram isso como fruto de estudos e previsões acerca do evento mais esperado entre os cristãos de todos os tempos.

O Mestre Jesus, em Sua primeira vinda, falou sobre Seu retorno, afirmando que isso ocorreria em breve – “Eis que cedo venho” (Ap 22:12) – e que haveria muitos sinais de que o tempo estava findando (Mt 24:6-8; Ap 6:12; Jl 2:30-31; Mt 24:4-5, 12). Todavia, Ele não marcou data específica, declarando apenas que os sinais no mundo marcariam “o princípio das dores” e do fim dos tempos (Mt 24:8), mas que ainda não era o fim.

Na perspectiva de compreender o contexto das marcações de datas e especulações acerca do tempo do retorno de Cristo entre os adventistas do sétimo dia, este artigo se propõe a apresentar um pouco da história adventista sobre o tema tendo em vista demonstrar o posicionamento da IASD a seu respeito.

MARCAÇÃO DE DATAS NO MOVIMENTO MILLERITA

Para buscar compreender a marcação de datas no contexto adventista, é necessário reportar-nos à história inicial do movimento adventista e de suas primeiras concepções a respeito do retorno de Cristo. O movimento adventista fez parte de um período de grande fervor religioso que ocorreu no final do século XVIII e início do século XIX na América do Norte. Ele envolveu diversas denominações religiosas e sociedades bíblicas que acreditavam na segunda vinda de Cristo para muito breve a partir de estudos em torno das profecias de Daniel e de Apocalipse.

Um dos principais pregadores norte-americanos do início do século XIX que contribuiu para que o movimento adventista se firmasse foi Guilherme Miller (1782-1849). Sua importância estava relacionada aos estudos que desenvolveu sobre as profecias bíblicas a respeito do tempo do fim. Em 1816, ele passou a frequentar a Igreja Batista e se apresentava como deísta. Ao estudar a Bíblia intensamente, concluiu que o tempo do Segundo Advento de Cristo estava próximo. Em 1831, começou a realizar uma série de palestras em igrejas protestantes que aceitavam a mensagem da breve vinda de Cristo. Seus sermões tratavam dos sinais da natureza associados àqueles descritos em Apocalipse 6:12 e em Joel 2:30-31, bem como das profecias de Daniel pregadas nas principais igrejas protestantes da época. O grupo de ministros e membros das igrejas que aceitaram o que Miller ensinava passou a se reunir em congregações que se chamavam de adventistas.

A partir de seus estudos da profecia dos 2.300 anos, o pregador concluiu que o fim desse período se daria entre 1843 e 1844. Embora Miller não tenha determinado um dia exato, os ministros que estudavam as profecias com ele concordaram em marcar 22 de outubro de 1844 como a data da segunda vinda de Cristo. Ao aproximar-se esse dia, diferentes denominações que até então aceitavam a mensagem adventista millerita passaram a pressionar seus membros a sair das igrejas se

continuassem a crer nessas pregações. Com isso, segundo Prado (2012, p. 31), “[...] o número de fiéis, que antes era de 100.000 (cem mil), no dia 22 de outubro caiu para 50.000 (cinquenta mil). [...] No dia 22 de outubro, os 50.000 fiéis reuniram-se em suas casas para o tão esplendoroso momento”.

Passada a data prevista por Miller e seus companheiros, ocorreu entre os crentes uma frustração tal que foi chamada de “O Grande Desapontamento”. Muitos dos defensores do adventismo pós-desapontamento constituíram grupos missionários que foram se extinguindo aos poucos, ao passo que “um grupo especial, formado pelos ex-milleritas Hiram Edson, José Bates, Tiago White e Ellen G Harmon (Ellen G. White) tornou-se a base da formação da Igreja Remanescente, o ponto inicial da Igreja Adventista do Sétimo Dia” (PRADO, 2012, p. 33).

Esse grupo passou a estudar as profecias refletindo sobre o que havia sido estudado pelos milleritas, tendo como objetivo “estabelecer novas metas, encontrar respostas e explicações plausíveis, que trouxessem de volta a segurança da crença no advento” (PRADO, 2012, p. 35). As conclusões posteriores desse grupo em específico, que fundou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, foram de que a data de 1844 estava correta em relação à contagem profética de Daniel, porém o evento não se referia ao Segundo Advento, embora estivesse relacionado ao tempo do fim estando. Portanto, nesse sentido, estava vigente a crença no Advento, fortalecida pela fé nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, cujo contexto prepara o mundo para a volta de Cristo.

Contudo, surgiram novas teorias a respeito do evento, que combinavam conclusões milleritas com interpretações a respeito do “fechamento da porta da Graça”. Isso levou a novas especulações sobre o tempo do fim e o retorno de Cristo.

OS ADVENTISTAS DA “PORTA FECHADA”

A doutrina da “Porta Fechada” foi desenvolvida pelos adventistas Apollos Hale, da *Advent Herald*, e Joseph Turner, da *The Hope of Israel*, em janeiro de 1845. Segundo Schwarz e Kellog (1970), ela combinava a parábola das dez virgens (Mt 25:1-13) com Apocalipse 22:11-12 e apresentava as atividades de Cristo como o noivo, relacionando a interpretação millerita de Apocalipse de que, pouco antes do Advento, cada pessoa teria seu destino decidido para vida eterna ou morte eterna.

O simbolismo da parábola das dez virgens, que contém a expressão “fechou-se a porta” (Mt 25:10), foi interpretado juntamente com o texto de Apocalipse 3:7-8 e Isaías 22:22. Assim, os adventistas ensinaram que “o ato de fechar a porta significava o fim do tempo de graça para os pecadores” e que esse fechamento ocorreria a partir de 22 de outubro de 1844 (LINHARES, 1962, p. 182).

Essa compreensão admitia que, em virtude de Cristo ter adentrado o Santuário Celestial para exercer Seu ministério expiatório, após 1844 abriu-se a fase do juízo investigativo pré-advento. Gomes (2014, p. 50) comenta que tal doutrina tem base na interpretação “da cena de juízo em Daniel 7:9-14, e do fato de que, no momento da segunda vinda de Jesus, a humanidade já estará julgada em certo sentido e dividida entre eternamente salvos e eternamente perdidos”.

A doutrina da “porta fechada” levou alguns de seus defensores a agirem de modo radical tanto

para com os de fora do adventismo quanto para os próprios adventistas que não criam da mesma forma. Joseph Turner foi um dos que ensinavam a doutrina da “não-mais-misericórdia”, em Paris, cidade do estado norte-americano de Maine. Para ele, a porta de acesso à salvação estava já fechada às pessoas não adventistas. Seus seguidores pensavam que já haviam “entrado no sétimo milênio, quando não deviam trabalhar, e já estavam plenamente santificados” (LINHARES, 1962, p. 182).

De acordo com Schwarz e Kellogg (1970, p. 55), Samuel S. Snow passou a crer na teoria da “porta fechada” de forma muito radical, condenando os adventistas que não adotavam seu ponto de vista, chamando-os de laodiceanos que Cristo “vomitaria de sua boca”. Mais tarde, se proclamou o profeta Elias.

A teoria da “porta fechada” foi aceita por Guilherme Miller, que escreveu, no *The Advent Herald* de 11 de dezembro de 1844, que a “obra em advertir os pecadores” e a tentativa de criar uma igreja nos moldes do Advento já estavam completas. Ele afirmou: “Deus, em sua providência fechou a porta; e podemos apenas estimular uns aos outros a sermos pacientes, e em sermos diligentes em assegurar nossa vocação e eleição” (FROOM, 1954, p. 831).

Alguns extremistas declaravam que Cristo havia retornado, mas não de forma literal, e sim espiritualmente. Entretanto, outros seguidores de Miller continuaram a sustentar que a porta era a da salvação, pois continuavam a esperar pelo retorno de Cristo para muito breve. Com o passar do tempo, passaram a afirmar que esta era a “porta de ‘acesso’ aos ouvintes (SDA Encyclopedia, 1996, p. 1035).

O grupo de Miller, do qual faziam parte Turner, Snow, Marsh, Jacobs, Crosier, José Bates, Tiago White e Ellen Harmon, e quase todos os demais adventistas criam na teoria da “porta fechada”. José Bates, Tiago White e Ellen Harmon mantiveram essa teoria como doutrina por mais tempo do que a maioria, aceitando também a verdade do Sábado. Por isso, passaram a receber críticas dos demais adventistas e “eram comumente chamados, de 1846 a 1855, como ‘Povo do Sábado e da Porta Fechada’” (SPALDING, 1961, p. 162).

À medida que o grupo de Miller estudava as profecias e recebia luz progressiva sobre o assunto, a teoria da “porta fechada” foi abandonada, especialmente quando a verdade do sábado foi sendo desvendada e proveu, entre eles, um poder unificador. Contudo, o sábado foi fator de divisão entre os adventistas a partir de então, embora ambos os grupos, sabatistas e não sabatistas, tenham marcado datas para o retorno de Cristo ou o fim dos tempos.

OS ADVENTISTAS SABATISTAS E A MARCAÇÃO DE DATAS

A mudança de compreensão sobre a doutrina da “porta fechada” e do sábado foi um ponto de relevância para os que estudavam as profecias relacionadas ao Advento. Froom (1954, p. 831) explica que, desde o desapontamento, Himes, de modo particular, manteve a ideia de que a obra para o mundo não havia terminado. Sua posição foi aceita por Miller e outros dos principais líderes, levando à nova interpretação da profecia dos 2.300 dias. O grupo então aceitou que o “clamor da meia-noite” e a “porta fechada” eram eventos futuros.

Porém, Timm (1998, p. 55) escreve que alguns dos primeiros adventistas que criam que a

porta da salvação continuava aberta também acreditavam que os 2.300 dias não iriam muito além de 1847 d.C. e sugeriram novas datas para o fim dos 2.300 dias. Dentre essas datas destacam-se: primavera de 1845; inverno de 1846; primavera de 1846; outono de 1846; primavera de 1847; outono de 1847; inverno de 1848; primavera de 1848; primavera de 1850; e outono de 1850.

A marcação dessas datas, considerando-se as estações do ano, foi explicada por José Bates da seguinte forma: os autores adventistas que criam que Cristo havia sido crucificado na metade da septuagésima semana de Daniel 9:27 sugeriam que os 2.300 dias findariam no outono, ao passo que os que sustentavam que Cristo foi crucificado em qualquer data que não fosse na metade dessa semana eram da opinião de que os 2.300 dias findariam na primavera (BATES, 2020).

Damsteegt (1993) também realizou um estudo sobre a marcação de datas após 1844 e constatou que datas foram marcadas tanto entre adventistas que aceitavam o sábado quanto entre os que não o aceitavam.

OS ADVENTISTAS NÃO SABATISTAS E A MARCAÇÃO DE DATAS

Os adventistas que não aceitaram a doutrina da guarda do sábado continuaram a estudar as profecias dos 2.300 dias sem incluir essa concepção e também fizeram previsões do fim dos tempos e do retorno de Cristo. Dentre as novas datas que os adventistas não sabatistas estabeleceram para o fim dos 2.300 dias destacam-se as seguintes, conforme Timm (1998, p. 160): primavera de 1851; outono de 1851; outono de 1852; ano de 1854; primavera de 1855; primavera de 1856; primavera de 1857; primavera de 1858; ano de 1866; ano de 1867; e ano de 1868. O autor ainda comenta que um folheto anônimo publicado em Londres em 1855 propôs que os 2.300 dias iniciaram com a destruição do templo de Jerusalém, em 70 d.C., e findariam em 2.370 d.C.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA E A MARCAÇÃO DE DATAS

De acordo com o pastor Fernando Dias (2019, p. 1), “marcar datas para a segunda vinda de Jesus tem sido uma tentação para os cristãos ao longo da história”, e entre os adventistas do sétimo dia isso não foi diferente. Algumas pessoas pertencentes à IASD fizeram previsões a esse respeito, especialmente a partir do século XX.

Em 1928, um líder da Associação Geral da IASD expôs sua convicção durante uma semana de oração no *Emmanuel Missionary College*, afirmando que o Senhor viria naquele ano. Ele se baseou no fato de que haviam se passado 40 anos desde 1888 e levou em conta que, assim como o povo de Israel havia vagueado no deserto por 40 anos antes de receber a promessa e entrar na terra prometida, a Igreja, como Israel espiritual, também havia vagueado desde a Assembleia de Minneapolis em 1888, reunião histórica para a denominação e considerada por esse líder como “saída do Egito espiritual”

em que a igreja se encontrava até então (PAULIEN, 1998).

Embora a marcação da data de 1928 tivesse aparentemente cunho escriturístico, a hermenêutica apresentada era de particular interpretação, alegórica, e não refletia, portanto, o método de interpretação profética adotado pela IASD.

Na década de 1930, a base para a marcação de data para o fim dos tempos teve como base o texto de Mateus 24:34: “Esta geração não passará até que estas coisas sejam cumpridas”. Isso se deu devido a informações de que havia sobreviventes da chuva de meteoros que ocorreu em 1833 em Hunza e em outras partes da Iugoslávia. Essas pessoas, já extremamente velhas, foram consideradas por alguns adventistas como sinal de que o tempo estava prestes a se cumprir, pois diziam que Jesus se referiu aos que haviam presenciado o fenômeno predito nas Escrituras como indicador do fim e que seriam, então, a última geração.

Outro fato também interpretado como sinal do fim aconteceu pouco antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns adventistas entenderam que os japoneses seriam o “rei do oriente” descrito em Apocalipse 16:12, em razão de sua bandeira ter um sol nascente estampado. Assim, previram que a batalha do Armagedom estava muito próxima (PAULIEN, 1998, p. 23).

A partir da década de 1960, várias teorias foram apresentadas. Paulien (1998, p. 19) conta que, quando tinha nove anos, ouviu que Jesus retornaria à Terra nessa década, pois o movimento do advento iria completar 120 anos de pregação, o que marcaria o retorno de Cristo, em analogia escatológica com o tempo que Noé pregou. Considerando-se 1844 como data inicial, o ano final seria 1964.

Tal raciocínio compôs o conteúdo de sermões durante longo período, tendo em vista despertar a igreja para a seriedade dos tempos. Embora isso fosse nobre, as interpretações e ênfases careciam de suporte bíblico, girando em torno de temas de conversas e sermões e usadas como argumento para destacar a proximidade do segundo advento quando se ministravam estudos bíblicos.

Houve adventistas que apresentaram suas conclusões em sermões e eventos ou escreveram artigos para jornais e revistas destacando interpretações e contagens de tempo que deveriam se cumprir entre a década de 1980 e 2000. Paulien (1998, p. 20), afirma que, na segunda metade do século 20, alguns interpretaram o tempo do retorno de Cristo como o “tempo da sua vinda baseado em sete ciclos de mil anos cada”.

A previsão em torno do término dos jubileus (cf. Lv 25:8-55; 27:18-25; Nm 36:4) também levou a marcação de datas para a volta de Cristo, que deveria ocorrer em 1987 ou 1994. O cálculo de datas a partir dos jubileus definia que Jesus retornaria em outubro de 1987. Outros cálculos utilizando os jubileus fixaram o evento para 1991, 1994, 1996, 1998 e 2000 (PAULIEN, 1998, p. 20).

Dentre os adventistas do sétimo dia que marcaram datas a partir dos jubileus está Antônio C. M. Gonçalves (formado em teologia pelo SALT-IAE), que propagou, por meio do *Jornal do Amanhã*, sua teoria sobre o “jubileu final” da humanidade, que se cumpriria em 3 de outubro de 1987. Ele argumentava que a história humana era composta de três ciclos de 40 jubileus: (1) dispensação patriarcal: da criação (3894 a.C.) até Abraão (1934 a. C.) = 1.960 anos; (2) dispensação judaica: de Abraão (1934 a.C.) até o Messias Ungido (27 d.C.) = 1.960 anos; e (3) dispensação do Messias: do Messias Ungido (27 d.C.) até o Jubileu Final (1987 d.C.) = 1.960 anos (GONÇALVES, 1987a, 1987b, 1988).

A marcação de datas a partir dos jubileus é bastante controversa, pois nada nas Escrituras sugere que Israel tenha guardado o jubileu (HORN, 1979). Gulley (1998, p. 508) também afirma que não há evidência bíblica de que o plano de misericórdia destacado nos jubileus esteja ligado com as profecias a respeito dos eventos finais. Ele esclarece ainda que os calendários dos jubileus se referem ao fim dos ciclos de sete anos sabáticos (Lv 25:8-10), que representavam uma forma de permitir que os pobres e escravos tivessem oportunidade de prosperar, assim como de controlar a avareza dos ricos. Portanto, não é seguro estudar a respeito dos eventos finais tomando os jubileus como fundamento, pois, embora constem na Bíblia, não fornecem os elementos necessários para interpretações escatológicas.

Outros adventistas fizeram previsões alarmistas a partir da segunda metade da década de 1980, a exemplo dos pregadores Wanderley D’Paula e Jacó de Oliveira Pinto, que argumentavam que o presidente norte-americano Ronald Wilson Reagan era o anticristo. Baseavam sua teoria no fato de que o nome do presidente continha seis letras (Ronald = 6; Wilson = 6; e Reagan = 6), portanto 666, o número da besta conforme Apocalipse 13. Segundo eles, os eventos finais seriam breves, o presidente norte-americano se uniria ao papa nos objetivos ecumênicos e precipitaria a perseguição aos “rebeldes guardadores do sábado”. Reagan, no entanto, faleceu em 5 de junho de 2004 sem que se cumprisse essa previsão.

Diógenes de Oliveira, na década de 1980 e início da de 90, desenvolveu uma escatologia peculiar, considerando o retorno dos judeus para a Palestina, e propôs, em um livro chamado *O Santuário de Deus* que: “o próprio céu” era o santuário celestial; o ano de 1873 (538 d.C. + 1.335 anos) “foi significativo para todo o Universo”, como o primeiro passo na direção do retorno profético dos judeus para a Palestina; e que a “obra da expiação [...] encontra o seu ponto alto e decisivo, na purificação do povo de Israel, em seus territórios” (OLIVEIRA, [s.d.], p. 2, 82, 100).

Baseando-se nas palavras de Salomão sobre o tempo, Oliveira (1990, p. 9) assim afirmou: “Há na Bíblia profecias que indicam os anos em que na década de 90 ocorrerão os maiores acontecimentos da história, culminando com a vinda de Cristo e o estabelecimento do reino de Deus no ano 2000”.

Esse autor também escreveu para a coluna “A contagem regressiva”, do jornal *Alto Clamor*, em que ressaltou que os judeus se converteriam ao Messias e pregariam o Evangelho juntamente com os cristãos durante sete anos, e milhares e milhões de pessoas se converteriam em todo o mundo, “através do derramamento do Espírito Santo, e “então virá o fim” (OLIVEIRA, 1991). Apesar das admoestações e conselhos de pastores e teólogos no sentido de demovê-lo de suas ideias, Oliveira continuou a difundi-las, sofrendo o desapontamento juntamente com outros que compartilhavam suas convicções.

Em 1986, o pastor adventista Hirohito Tavares de Araújo, já jubilado, escreveu um sermão no qual declarava que 1987 seria “o início da última década, encerrando o 6º milênio, quando o pecado não mais terá predomínio na terra (4004 a.C. + 1986 d.C. = 5.990 + 10 (última década) = 6000”. Ele fez cópias de sua fala e as enviou a diversas partes do Brasil. Na primeira página declarava com ênfase que o “Grande Dia do Senhor” estava às portas, confirmando e condicionando a afirmação à sua interpretação profética de que o sétimo milênio ocorreria ainda na década de 1990, restando de três a quatro anos para o povo se preparar. Segundo Araújo, “embora a teologia discorde, todas as profecias

acham-se praticamente cumpridas, restando apenas alguns acontecimentos que se desencadearão rapidamente”. Seu sermão exortava ao “povo do advento” a se preparar de forma plena e completa, apelando às mudanças no vestuário, na alimentação, nas recreações, na vida devocional e no envolvimento missionário.

Outro episódio de marcação de data ocorreu em 1991 na cidade de Hortolândia. Marinete Marcolino, membro da igreja adventista local, escreveu uma carta endereçada ao “Povo Adventista do Sétimo Dia” na qual alegava ter recebido sonhos e revelações de Deus. Afirmava ter um poder especial de cura em suas orações e receber revelações que lhe mostravam pessoas conhecidas sendo queimadas no fogo do juízo final. Além disso, dizia ter recebido a mensagem do próprio Cristo, no ano de 1984, de que em doze anos Jesus voltaria, ou seja, em 1996 (MARCOLINO, 1991).

Alberto R. Timm apresenta um quadro de previsão de fechamento da porta da graça para o povo adventista, divulgado por Oséas Maurer, ex-ancião da igreja central de Brasília, na década de 1990, a partir de um livro de Jeanine Sautron no qual a autora relata sonhos e visões que diz ter recebido de Deus para o tempo do fim. Maurer integra um grupo dissidente, que se chama “Os Remanescentes” e que se apresenta como “Não filiados a qualquer tipo de Igreja Adventista do Sétimo Dia nem às suas organizações ecumênicas”. Esse grupo afixou cartazes em postes de iluminação pública e muros de diversas cidades brasileiras afirmando que o fechamento da porta da graça ocorreria em 2005. Nesse material, acusava publicamente o papa de ser a besta do Apocalipse. A mensagem fundamental do movimento se baseia em uma sucessão cronológica de datas, em que se incluem as seguintes: 1888 – começou o alto clamor para a IASD; 1988 – deu-se o início do julgamento dos vivos para a IASD, que foi rejeitada e vomitada (somente 5% dos adventistas foram aprovados e pertencerão aos 144.000), e começou o alto clamor para o mundo; e 2005 – Fechamento da porta da graça (TIMM, [s.d.], p. 18-19).

Na linha de interpretação dos tempos e das profecias, destacam-se alguns nomes na atualidade que dizem não apontar datas específicas, mas detalham o tempo final para as primeiras décadas do século XXI. A marcação de datas para o retorno de Cristo entre alguns adventistas tem se mesclado com estudos bíblicos e do Espírito de Profecia e especulações acerca do tempo do fim. Em sua essência, embora muitos afirmem o contrário, trata-se também de uma forma de marcar datas ou tempos específicos para que ocorra o grande evento esperado.

Alceu da Silva Oliveira Filho, advogado, ex-membro da Igreja Adventista Central de Curitiba, publicou o livro *Os sete reis da Profecia de Apocalipse*, no qual apresenta uma pesquisa chamada “Interpretação contemporânea”, direcionando seus escritos aos membros de sua comunidade denominacional. Embora afirme que o livro não se propõe a marcar datas, analisa e identifica os sete reis de Apocalipse 17 como sendo os papas a partir de 1929, quando a “ferida mortal foi curada” e os poderes foram restaurados ao pontífice. O sexto rei, segundo essa sequência, era João Paulo II, que seria substituído por um breve período e então retornaria sendo o oitavo rei (OLIVEIRA FILHO, 2001, p. 81-82).

Contudo, a teoria proposta por Oliveira Filho não é original, tendo sido anteriormente explorada por Robert N. Smith Jr., adventista leigo do Texas em seu livro *The Sixth King – “666” and The New World Order*, publicado em 1993, conforme Ramos (1991, p. 10). Um importante trabalho que trata dos movimentos de marcação de datas para a volta de Cristo e o fim do mundo foi produzido

pelo pastor e doutor Alceu L. Nunes. O livro aborda a expectativa entre o início da era cristã e o final do século 15, apresenta a expectativa entre o período da Reforma e o final do século 19 e, por último, entre os séculos 20 e 21 (NUNES, 2008). Publicada pela Unaspess como resultado da tese doutoral de Nunes, a obra é muito relevante e abrangente, pois descreve as muitas iniciativas para a marcação de datas desde o início da era cristã.

Dentre os adventistas mais recentes a traçarem especulações a respeito dos tempos finais, destacam-se o pastor Jonatas Conceição, Walter Veith, membro da Igreja nos Estados Unidos e estudioso das profecias e dos livros de Ellen White, e Rodrigo Silva, arqueólogo, historiador e estudioso da Bíblia. A linha de pensamento de Conceição e Veith é similar, e ambos estudam as profecias e as referências de Ellen White aos 6.000 anos da entrada do pecado no mundo. Conceição (2011) afirma que os primeiros 4.000 anos ocorreram no ano 27 d.C. (batismo de Cristo), baseando-se nos escritos do Espírito de Profecia, dos quais conclui que Jesus poderia voltar antes mesmo de completar os 6.000 anos em virtude de abreviar o tempo para salvar os escolhidos.

Veith (2020), por sua vez, adota a teoria da semana cósmica e tem apresentado diversos vídeos no canal *YouTube* em que afirma que Ellen White escreveu sobre o conflito de Jesus e Satanás estar no episódio final, destacando que os 6.000 anos de luta cósmica estaria findando em 2027, em razão da contagem que a autora faz de 4.000 anos até o batismo de Jesus (em 27 d.C.). Ele salienta que não está a marcar datas ou tempos, mas que analisa os escritos bíblicos e proféticos que mostram a brevidade do tempo e a necessidade de preparo dos adventistas para pregar as três mensagens angélicas de modo que o Evangelho alcance o mundo.

Silva também avalia que o tempo do fim está às portas e que o evento do retorno de Cristo pode ocorrer já neste decênio (2020-2030), em razão dos fatos que estão ocorrendo e que evidenciam esse cenário. Segundo ele, em nenhuma outra ocasião na história humana o mundo esteve tão preparado para o retorno de Cristo. Ele destaca questões sociais, econômicas, políticas e de saúde, afirmando que “nunca houve antes uma pandemia” no mundo referindo-se à da Covid-19. Também chama a atenção para o fato de que está surgindo um contexto adequado à criação de um governo mundial que levará ao cumprimento rápido dos eventos descritos no Apocalipse 13, vindo o fim da história humana (SILVA, 2021).

As marcações de tempo entre alguns adventistas do sétimo dia têm chamado a atenção da Igreja como instituição. Knight (1996, p. 16) afirma que há os que vivem “num constante estado de excitação a respeito da proximidade do fim”, por isso apresentam um “quase delírio de estabelecimento de datas” que não contribui para o contexto geral do Evangelho.

O professor de teologia Jonatas Leal destaca que a volta de Jesus é a bendita esperança da Igreja, mas pode tornar-se uma armadilha aos que, mesmo com boa intenção, tentam estabelecer um cenário político e religioso para os eventos finais, porém acabam por falhar em reconhecer que o próprio Jesus disse que virá à hora que não se espera. A motivação para a marcação de datas e tempos pode ser a de criar um reavivamento espiritual, mas leva o povo de Deus a focar o motivo errado, resultando em incredulidade, desânimo espiritual e opróbrio sobre a igreja. Criar “cenários apocalípticos não é útil para a fé adventista” (LEAL, 2021, p. 24).

O autor acentua que os eventos finais não são uma questão meramente política. Por isso, aos

marcadores de datas ou tempos diz que “qualquer especulação que os faça depender de alianças governamentais ligadas a indivíduos ou ideologias partidárias está fadada ao fracasso” (LEAL, 2021, p. 25). Nesse sentido, Ramos (1991, p. 12) comenta:

A Igreja e o mundo não precisam nem de alarmismo nem de sensacionalismo. Afinal temos tantas verdades que contam com um claro “assim diz o Senhor”, e que devem ser estudadas e proclamadas, que qualquer empenho com simples hipóteses é simplesmente irrelevante. E vivamos de tal forma que, se Cristo vier amanhã, ou ainda hoje, louvado seja o seu nome. Estejamos prontos para saudá-lo e para nos reunir com Ele.

O pastor Arilton Oliveira observa que, quando se fala no fim do mundo, a intenção deve ser mostrar o desfecho da história humana tendo em vista a conversão das pessoas, já que, segundo o próprio Cristo, muitos sinais do tempo do fim seriam perceptíveis, e a isso o povo deveria estar atento, mas o sinal definitivo do retorno de Cristo é a pregação do Evangelho a todo o mundo (OLIVEIRA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento adventista apresenta, em seu âmago, a mensagem “Cristo em breve voltará”. Contudo, essa expectativa tem levado alguns a tentarem desvendar o mistério das palavras de Cristo em Mateus 24:36 – “Daquele dia e hora ninguém sabe” –, fazendo previsões acerca dos tempos. Embora seja de grande importância estudar as profecias e buscar entender o fim da história humana para que o reino eterno de Cristo seja estabelecido, é também de igual relevância compreender que o objetivo de Cristo não foi alarmar o povo, mas prepará-lo para o Advento.

Muitos dos que especulam sobre o tempo do fim estar se cumprindo nestes próximos anos se baseiam em estudos do Espírito de Profecia, em visões e supostas marcações de datas. Ellen White (1988, p. 75) escreve claramente que a mensagem do terceiro anjo não está condicionada ao tempo: “Vi que alguns estavam conseguindo um falso excitação, despertado por pregarem tempo; mas a mensagem do terceiro anjo é mais forte do que o tempo possa ser”.

Sobre Mateus 24:36, Ellen White afirma que Deus estabeleceu os tempos e só a Ele compete saber quando o tempo irá se cumprir. Ele não deu esse conhecimento aos homens, pois, segundo declara:

[...] não faríamos dele o devido uso, caso Ele assim fizesse. Desse conhecimento viria em resultado um estado de coisas entre nosso povo, que retardaria grandemente a obra de Deus no preparar um povo para subsistir naquele grande dia que há de vir. Não devemos viver em agitação acerca de tempo. Não nos devemos absorver com especulações relativamente aos tempos e às estações que Deus não revelou. (WHITE, 2013, p. 189)

O viver agitadamente, especulando acerca dos tempos, é condenado pelo Espírito de Profecia. A esse respeito, Ellen White (2013, p. 189) comenta:

não nos devemos absorver com especulações relativamente aos tempos e às estações que Deus não revelou. Jesus disse a Seus discípulos “vigiai”, mas não para um tempo definido. Seus seguidores devem encontrar-se na posição dos que estão à escuta das ordens de seu Comandante; devem vigiar, esperar, orar, e trabalhar à medida que se aproxima o tempo da

vinda do Senhor; ninguém, no entanto, será capaz de prever exatamente quando virá aquele tempo; pois “daquele dia e hora ninguém sabe”. Não sereis capazes de dizer que Ele virá dentro de um, dois, ou cinco anos, nem deveis retardar Sua vinda, declarando que não será por dez, ou vinte anos.

Ao se analisarem as marcações de datas no contexto adventista do sétimo dia, percebe-se que a leitura das Escrituras e do Espírito de Profecia é, muitas vezes, feita de maneira tendenciosa, em busca de alguma evidência de fatos que estejam a evocar o fim do mundo, tendo em vista o desejo de apressar a volta de Cristo. Essa expectativa, embora possa ser sincera, não deve ser feita de forma alarmista ou especulativa, pois estão em jogo a fé e a salvação de muitos. White (2013, p. 186) aconselha aos que tendem a marcar datas para o retorno de Cristo ou para o tempo do fim:

Em lugar de gastar as energias de nossa mente em especulações quanto aos tempos e às estações que o Senhor estabeleceu por Seu próprio poder, e reteve dos homens, devemos render-nos nós mesmos ao domínio do Espírito Santo, cumprir os deveres atuais, dar o pão da vida, não adulterado com opiniões humanas, a almas que estão perecendo pela verdade.

Essa prática de marcar datas é contrária às Escrituras e ao Espírito de Profecia, como afirma White (2013, p. 188): “nunca mais haverá para o povo de Deus uma mensagem baseada em tempo. Não devemos saber o tempo definido nem para o derramamento do Espírito Santo nem para a vinda de Cristo”.

Assim sendo, não devemos fazer previsões, pois não compete aos homens conhecer quando o segundo Advento ocorrerá. O que se sabe é que Jesus voltará e que precisamos ficar apercebidos, cientes dos eventos que ocorrem na Terra, como afirmam as Escrituras (Mt 24:36-39; Mc 13:32; 1Ts 5:1-3), em constante preparo. Como cristãos adventistas, esperamos o cumprimento da promessa do retorno de Cristo, mas não podemos incorrer no erro de marcar datas ou tempos para isso.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, embora considere o breve retorno de Cristo de modo literal, visível e pessoal como uma de suas principais doutrinas, não promove e tampouco incentiva tal procedimento. Como Igreja, somos chamados a pregar o Evangelho do Reino de Deus a todo o mundo, tendo em vista a salvação de almas e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. O foco adventista deve estar sempre na missão de levar o Evangelho a todo o mundo e no preparo pessoal para estar firmes quando Jesus voltar em Glória.

REFERÊNCIAS

BATES, J. **Vindication of the Seventh-Day Sabbath and the Commandments of God: With a Further History of God's Peculiar People from 1847-1848.** Glasgow: Good Press, 2020.

CONCEIÇÃO, J. Chegou a hora. **YouTube**, 28 ago. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F9k376W4hnM>. Acesso em: 25 maio 2021.

DAMSTEEGT, G. Early Adventist Timesettings and Their Implications for Today. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 4, n. 1, p. 151-168, 1993.

- DIAS, F. A qualquer momento. **Revista Adventista**, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/fernandodias/destaques/a-qualquer-momento/>. Acesso em: 25 maio 2021.
- FROOM, L. E. **Prophetic Faith of Our Fathers**. Washington, DC: Review and Herald, 1954. v. IV.
- GOMES, E. O fechamento da porta da graça: breve fundamentação bíblica a partir do livro de Apocalipse. **Kerygma**, v. 9, n. 1, p. 47-65, 2º sem. 2014.
- GONÇALVES, A. C. 1987/1988: começa o (último?) jubileu! **Jornal do Amanhã**, p. 3, out. 1987a.
- GONÇALVES, A. C. Jubileu – a estrela da volta do Messias. **Jornal do Amanhã**, p. 4-5, dez. 1987b.
- GONÇALVES, A. C. Mais detalhes sobre o jubileu. **Jornal do Amanhã**, p. 4, jan./fev. 1988.
- GULLEY, N. **Crist Is Coming: A Christ-centered Approach to Last-Day Events**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998.
- HORN, S. H. (Ed.). **Seventh-day Adventist Bible Dictionary**. Washington, DC: Review and Herald, 1979.
- KNIGHT, G. R. Enquanto Ele não vem. **Ministério**, p. 16, jan./fev.1996.
- LEAL, J. Cenário do fim. **Ministério**, p. 24-26, maio/jun. 2021.
- LINHARES, O. **História da nossa igreja**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1962.
- MARCOLINO, M. F. **Carta de Marinete Feitosa Marcolino para o povo adventista do sétimo dia**. Hortolândia, 3 maio 1991.
- NUNES, L. A. **O dia da sua vinda: movimentos apocalípticos e a expectativa da volta de Cristo**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2008.
- OLIVEIRA, A. Live: o fim do mundo. **YouTube**, 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DHL8pM-L548>. Acesso em: 23 maio 2021.
- OLIVEIRA, D. L. A contagem regressiva: faltam 367 dias. **Alto Clamor**, set. 1991.
- OLIVEIRA, D. L. **Contagem regressiva rumo ao ano 2000: profecias que mostram os grandes acontecimentos que ocorrerão nesta década, culminando com a vinda do Messias**. Teresópolis, RJ: Edição do autor, 1990.
- OLIVEIRA, D. L. **O santuário de Deus**. Teresópolis, RJ: [s.d.], p.2, 82-83 e 100-101.
- OLIVEIRA FILHO, A. **Os sete reis da profecia de Apocalipse 17**. Curitiba, PR: Idealgraf Editora, 2001.

PAULIEN, J. **What the Bible Says About The End-Time**. Hagerstown, ND: Review and Herald, 1998.

PRADO, A. P. **Os templos da conquista: a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no município de Ourinhos-SP (1950-2012)**. 2012. 417 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2012.

RAMOS, J. C. A cura da ferida mortal e a teoria do sexto rei (parte 1). **Revista Adventista**, p. 10-12, jul. 1991.

SCHWARZ, W.; KELLOGG, J. H. MD Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1970.

SDA Encyclopedia. 2. ed. rev. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996.

SILVA, R. Live: o que falta para Jesus voltar. **YouTube**, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=77oFXRjBZbM>. Acesso em: 24 maio 2021.

SPALDING, A. W. **Origin and history of seventh-day Adventists**. Washington, DC: RHPA, 1961.

TIMM, A. R. **Movimentos, tendências e interpretações particulares na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil (1980-1999)**. Apostila de classe. [S.d.].

TIMM, A. R. **O Santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 1998.

VEITH, W. Este é o fim? – 6000 mil anos. **YouTube**, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oUDbtuA1fck>. Acesso em: 24 maio 2021.

WHITE, E. G. **Mensagens escolhidas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 1.

WHITE, E. G. **Primeiros escritos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

.

.